

Padre-Nosso Nuclear

O Senhor teve pena do seu servo
E ele rezou, agradeceu
Com um rosário de electrões muito bonitos
nos seus círculos,

Ave-Marias em eclipse:
Padre nosso que estais nos céus
E nos deste o escudo do ozono
E o fósforo nas ondas do mar
E em nós a água e o carbone.

O Senhor teve pena do seu servo
E guiou a mão de Becquerel
E pôs um raminho de polónio
Ao peito de Madame Curie,
Mas veio o Diabo e queimou tudo
Num cogumelo venenoso
E imitou o chumbo no plutónio
Em honra de Plutão, já se vê...
Cobrem-se todos com a mesma manta,
O Diabo atómico pinta a manta.

Padre nosso que estais nos céus,
Diz o servo de Deus molecular,
Seja feita a vossa vontade
No computador e no radar,
Na ribose entre as proteínas,
No café sem açúcar da manhã,

Sem planta nem margarinas
Quando os pobres se erguem da enxerga
Para a serapilheira dos sacos
Dizendo à vida: Rai's te parto!
Mas Deus perdoo e tem o ozono
E o bem-aventurado Franklin
Pousado no tecto dos ricos
Como a cegonha nas almeiras.
Qual raio! o quê! se esta manhã
Os Carregadores de Pernambuco
Têm uma partida a despachar,
E quem é que há-de alombar
Se um raio mesmo os fulminar?

Padre nosso que estais nos céus...
O meu rosário é tão bonito
Com os seus bugalhos de França
E a Ave-Maria da Polónia,
Rezado nos encontros Solvay:
Pai nosso, diz Niels em Copenhagen
Para dizer Amen em Vacendish,
Santa Maria da Polónia
Já Notre Dame no Pasteur:
Tudo terras cristãs como Portugal, *oh douleur!*

Química Oceânica

Sinto-me e sento-me vestido de vozes, povoado
Numa túnica ardente de sentido a apagar-se.
Então meu sopro silabado torna o Dito alteroso,
Salvando as veras formas as que declaro e aclamo.
Feito de altas vogais, como o mar de cloretos e medusas,
De consoantes ligadas nos abismos salgados do sangue,
De tudo falo em maré cheia, — vazo no vagar das
pedrinhas

Com turpitudes a lavar na confiança
Dos grandes pensamentos que Deus dá.
Mas sempre com a túnica em fogo,
Sempre com a sensação de que sou isso mesmo,
Os sons, os gritos, os *pp* e os *bb*, partículas
Num mar de sangue e significação aflita,
Mar mesmo! e, assim sonoro e molhado, teimosamente
alfabético.

S.O.S.? — Pois socorro, antena ao longe.
Só S? — Oceânico enxofre de sofrimento e peixes.
C? — Carbono, ou Charles naufrago que ainda teve
tempo de mandar uma garrafa a...
...K — Kate, mas também potássio, que o há no mar
para nos lavar de tudo.

Br — de bromo, almante como uma manhã nas Ilhas
Levantada do mar para a nossa alma,
Sossegada comigo no silêncio,
Liberto enfim por ela do clamor ardente das palavras.
Mas volta... A túnica verbal de fogo torna e arde,
Os sinais alfabéticos refazem-se no mar e em mim:
Falta mais agonia, gargalhada, dicazes
Declarações supérfluas como rolhas nas ondas
De garrafas vazias noutras margens.
A poesia, então, volta a picar seus signos:
Muito *Cl, Na*, — acaso amores a bordo? Clara? Natália?
Talvez... Mas sobretudo cloro e sódio, água salgada.
Sr B — Sr. Botelho? um velho lobo morto
No pouco estrôncio e bário que o mar tem.
Até que, com 1,27 de *Mg* pan-pelágico,
É ele, sou eu o afogado azul que o verbo arroja,
Para sempre entre os sons equívoco, indecifrável.

Vitorino Nemésio,
in *Limite de Idade* (1971)